A interdisciplinaridade e a transformação necessária no ensino superior

» CLAUDIA AZEVEDO-RAMOS
Professora titular do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará (UFPA). Diretora no Serviço Florestal Brasileiro (2006-2014)
» PAULO ARTAXO
Professor titular da Universidade de São Paulo (USP) e diretor do Centro de Estudos Amazônia Sustentável
» MERCEDES BUSTAMANTES
Professora titular do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade de Brasília (UnB)

O caráter sistêmico dos problemas induzidos pelas sociedades humanas em várias dimensões resulta em desafios locais e globais cada vez mais complexos. A educação e a ciência são demandadas para prover novos caminhos e abordagens. O mundo do trabalho também passou a exigir profissionais mais versáteis, orientados à resolução de problemas desafiadores.

As instituições de ensino superior fundamentadas em disciplinas são desafiadas a aprimorarem seus modelos educacionais em direção a maior interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. O termo "competência interdisciplinar" refere-se à capacidade de pensar criticamente sobre as limitações das disciplinas individuais, resolver problemas complexos que abrangem múltiplos campos e se comunicar de forma eficaz com equipes diversificadas. A aprendizagem transdisciplinar, que integra de forma significativa diversos conhecimentos e perspectivas de representantes de outras instituições sociais, contribui para o desenvolvimento de uma compreensão integradora. Fomentar essas competências pode preparar os estudantes a abordar problemas do mundo real de forma mais eficaz e dar as respostas que a sociedade clama.

Por exemplo, lidar com as mudanças climáticas e suas consequências, como a tragédia do Rio Grande do Sul, ou enfrentar crises de saúde pública, como pandemias, requer contribuições das ciências ambientais, economia, sociologia, medicina, engenharia, políticas públicas, entre outras. No entanto, cada uma delas é apresentada, em geral, em suas fronteiras disciplinares e, na maioria das vezes, de forma isolada em prédios diferentes das instituições. Nesse sentido, os estudantes de hoje, que serão os profissionais de amanhã, têm muitas dificuldades de vislumbrar e analisar o contexto geral e, a partir dele, desenvolver soluções transformadoras e integradoras.

Os novos desafios impostos requerem, além de pessoal qualificado, conexão com as demandas de realidades diversificadas em um país com as dimensões do Brasil. As instituições de ensino superior e pesquisa precisarão avançar ainda mais na interação com demandas prementes da sociedade. A cultura de aprendizagem não limitada por silos disciplinares está diretamente alinhada com o que deveriam ser as "habilidades do século 21" — pensamento crítico e integrador, resolução de problemas, comunicação, colaboração, criatividade e inovação. Além disso, incentiva a consciência crítica sobre sustentabilidade e questões éticas, promovendo uma mentalidade socialmente mais comprometida. É um erro comum considerar que a inter e a transdisciplinaridade obstam a formação tradicional especializada. Ao contrário, elas integram de forma significativa diversos conhecimentos e perspectivas, contribuindo para o desenvolvimento de uma compreensão mais abrangente e necessária para enfrentar desafios complexos.

Entretanto, integrar campos de conhecimento em novas abordagens continua sendo um enorme desafio. Na falta de modelos pedagógicos consolidados, há espaços para experimentação de modelos próximos a nossa realidade. Há meios diversos para gerar domínios disciplinares interligados, como cursos integrados, projetos inter e transdisciplinares, centros especializados, entre outros. De toda forma, integrar desafios práticos, que partem de demandas reais da sociedade, costuma ter bons resultados ao possibilitar aos professores e estudantes maior experiência com a resolução de desafios cuja solução não se concentra em um único campo do conhecimento.

As agências de fomento para educação e pesquisa podem ser chaves nessa promoção junto às instituições de ensino superior. No entanto, o incentivo requerido vai além do financiamento. Exige uma mudança de paradigma. Ampliar os horizontes de nossos estudantes e apoiar seu desenvolvimento pessoal têm o potencial de alavancar impactos transformadores em direção à construção de modelos sustentáveis, justos e equitativos. Não existe separação disciplinar quando procuramos soluções concretas e eficientes para questões sociais, econômicas ou de sustentabilidade.

Em um mundo em que os problemas raramente se limitam a um campo de estudo, o impulso para a educação superior com base na inter e transdisciplinaridade não é apenas uma tendência. É uma necessidade do nosso tempo, que requer práticas e conteúdos diferentes das atuais.

O momento de inclusão nas campanhas de prevenção ao câncer

» LUIZ FELIPE DE CAMPOS-LOBATO
Cirurgião coloproctologista e professor-adjunto de cirurgia da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília (UnB)

A última semana foi marcada pela Marcha do Orgulho Trans e pela Parada do Orgulho LGBT+, eventos que celebram a diversidade e a busca por igualdade de direitos para essas populações. De acordo com uma pesquisa de 2021 da Faculdade de Medicina de Botucatu da Universidade Estadual Paulista (FMB/Unesp), cerca de 2% da população adulta brasileira, aproximadamente 3 milhões de pessoas, se consideram transgêneros ou não binária. Isso significa que uma em cada 50 pessoas no Brasil é trans ou não binária, um percentual significativo da população brasileira. Certamente, todos conhecemos alguém que é trans ou não binário. A Constituição Federal de 1988 definiu, em seu artigo 196, que a saúde é direito de todos e dever do Estado. Tendo isso em mente, precisamos repensar urgentemente nossas campanhas de prevenção ao câncer, especificamente os mais prevalentes entre homens e mulheres no Brasil: o câncer de próstata e o de mama.

A população brasileira já reconhece o Outubro Rosa. Durante o 10º mês do ano, os prédios se iluminam de rosa, e campanhas na tevê e em outdoors pelas cidades são estreladas por mulheres, chamando a atenção para a necessidade da realização do autoexame e da mamografia. No mês seguinte, é hora das cidades se iluminarem de azul. Nas tevês, veremos debates sobre a importância de os homens deixarem de lado seu preconceito e irem ao urologista para a prevenção do câncer de próstata.

Certamente, muitas vidas já foram salvas por essas campanhas de prevenção dos tipos de câncer mais comuns em mulheres e homens. Algo extremamente louvável e que necessita ser continuado. Porém, precisa ser ampliado e modificado. Se olharmos com atenção, perceberemos que essas campanhas são exclusivamente direcionadas a homens e mulheres heterossexuais. Ou seja, ao menos 3 milhões de brasileiros que se identificam como trans ou não binários estão completamente excluídos delas.

Mulheres trans também têm próstata e necessitam realizar a prevenção do câncer, assim como os homens heterossexuais que são alvos da campanha. Segundo a Sociedade Brasileira de Mastologia, homens trans que passam por mastectomia não eliminam completamente o risco de câncer de mama, pois ainda podem haver tecidos mamários remanescentes que podem se transformar em câncer. Além disso, mulheres trans que fazem uso de hormônios de afirmação de gênero têm risco aumentado de desenvolver câncer de mama devido ao estrogênio.

A exclusão dessa população das campanhas de prevenção dos cânceres de próstata e mama causa impactos que não se restringem apenas à comunidade trans e não binária, mas atinge toda a população brasileira. Afinal, o custo do tratamento de pessoas com câncer avançado é infinitamente maior do que o custo de campanhas inclusivas e bem direcionadas. E o direito à saúde é cláusula pétrea da nossa Constituição. Portanto, é indiscutível que as campanhas de prevenção ao câncer precisam ser reformuladas para incluir todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero. Isso pode envolver a criação de materiais específicos para a população trans, treinamentos para profissionais de saúde sobre as particularidades dessa população e campanhas públicas que abordem diretamente esses grupos.

Neste momento de visibilidade e celebração da diversidade, a Parada do Orgulho LGBT+ e a Marcha do Orgulho Trans nos lembram da importância de uma sociedade mais inclusiva e atenta às necessidades de todos os seus cidadãos. A saúde é um direito universal, e temos a responsabilidade de garantir que ninguém seja deixado para trás.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // *circecunha.df@dabr.com.br*

A nova realpolitik imposta pela direita

Com a quase certa eleição do conservador Donald Trump para a Presidência dos Estados Unidos e, agora, com o avanço esmagador da direita nas eleições para o Parlamento Europeu — tudo isso sem contar com a vitória do também direitista Javier Milei na Argentina —, o governo brasileiro terá obrigatoriamente que reorientar suas ações caso queira manter uma relação política mais saudável com o restante do continente, com os Estados Unidos e com a Europa.

As mudanças no matiz ideológico em muitos países levam analistas políticos a admitirem que o mundo vive uma onda global rumo à direita, sendo que esse verdadeiro maremoto está apenas em sua fase inicial. Isso significa que essas mudanças trarão, entre outras coisas, um novo modelo de relação entre os países.

Talvez, a mais significativa alteração aconteça nas relações econômicas, com o retorno do pragmatismo do laissez-faire ou do liberalismo, com todas as suas vertentes. A renovação do Parlamento Europeu poderá, em médio prazo, provocar impactos significativos nos mercados internacionais, embora, nesse momento, as relações com a América Latina e o Brasil ainda não devam ser afetadas. Mais uma coisa é certa: os resultados da eleição na Europa afetarão, sem dúvida alguma, o modo como o Mercado Comum Europeu interage com o continente latino-americano. Em síntese, o que se espera é que essa nova configuração política do Parlamento Europeu, juntamente com as eleições americanas vindouras, traga bons frutos para nosso país.

A saída para o atual governo, caso não queira se isolar ainda mais do mundo democrático, é buscar guarida junto ao velho Centrão, deixando de lado os arroubos ideológicos. O que se descortina no mundo Ocidental é o retorno triunfal da velha e conhecida realpolitik — ou seja, a diplomacia política alicerçada em considerações de cunho prático, no verdadeiro interesse nacional. A verdade é que, no plano internacional, a mudança que vem ocorrendo a cada eleição para o Parlamento Europeu trará mudanças sobretudo nas relações do Velho Continente com a emergente China.

É nesse polo que estarão, talvez, as mais importantes mudanças de rumo. Com a economia chinesa montada sobre os trilhos da ideologia do Partido Comunista Chinês, com suas já sabidas pretensões de abocanhar o mundo por meio da chamada Rota da Seda, as relações da Europa com o Oriente devem ser repensadas. Para os que estão, hoje, confortavelmente instalados no poder, todo e qualquer movimento feito pela direita é logo taxado de extremista. Assim, a chegada dessa força política ao Parlamento Europeu foi logo atribuída à extrema direita.

O que está em jogo, com essa reviravolta — que, diga-se de passagem, vem da vontade popular livre e soberana — é o começo do fim das esquerdas no poder em boa parte do mundo civilizado. O que resta agora dessa ideologia no controle de alguns países se resume a governos nitidamente ditatoriais, opressores e sem rumos claros para a concretização de metas simples, como o Índice de Desenvolvimento Humano. Países controlados hoje por forças de esquerda mantêm suas populações na pobreza, pois servem-se dessa condição para se perpetuar no poder. Uma coisa é o que a realidade imposta pela vontade popular quer de fato. Outra coisa é o que se apressam em analisar aqueles que já estão com saudades dessas mudanças e com medo do que ela trará.

Com a possível eleição de Trump e a guinada à direita do braço legislativo do principal bloco econômico do planeta, os embates entre China e Ocidente podem ser ainda mais acirrados, o que, de forma indireta, pode favorecer também o agronegócio brasileiro, principal protagonista dos superavits do país. O que se sabe, até agora, é que os superavits surpreendentes nas finanças da Argentina, algo até pouco tempo inconcebível, é obra da direita no poder, e isso é motivo de ciumeira por parte do atual governo do nosso país, principalmente quando se sabe que a economia do Brasil está rumando para o abismo fiscal com uma dívida interna podendo, facilmente, ultrapassar a casa dos R$ 7 trilhões.

Com a guinada à direita em muitos países, vai ficando cada vez mais difícil ao governo brasileiro seguir com a manobra de isolar a direita em nosso país. As previsões, caso as eleições transcorram na paz e na ética, são de que o próximo Legislativo nacional seja majoritariamente conservador. Em nosso caso, é preciso observar ainda que a construção de pontes entre o Executivo e o Legislativo vai ficando cada vez mais difícil, obrigando o Palácio do Planalto a ter que recorrer ao Judiciário, onde parece contar com uma insólita maioria a seu favor.

» A frase que foi pronunciada:

"A escuridão é covarde. Acenda uma pequena luz, e ela fugirá apavorada."

Provérbio judaico

Imperdível

» Amanhã, às 19h30, a Academia de Letras e Música do Brasil realizará, no auditório do Departamento de Música da UnB, o recital semestral com entrada aberta e franqueada ao público. Dib Francis, membro da academia e agitador cultural, vai tocar piano com a mestra dos tempos de UnB Elza Gushiken. Norma Parrot, ao violoncelo, completa o trio. Outra presença importante é de Alexandre Romariz. Um engenheiro que toca piano para se divertir. Alexandre interpretará obra de Debussy acompanhado por Ariadne e Marcelo Salles.

» História de Brasília

Custa crer que o almirante Lucio Meira esteja trabalhando contra Brasília, mas se fôr mesmo o caso será o contrário. Êle saberá o que está acontecendo, e tomará providências. **(Publicada em 10/4/1962)**